

A VISITA DE CHENG LI-WUN A PEQUIM E O TABULEIRO DO ESTREITO DE TAIWAN

A histórica visita da presidente da oposição taiwanesa a Pequim expõe o frágil xadrez geopolítico do Estreito de Taiwan, onde promessas de paz e pressões econômicas chinesas testam a resistência democrática da ilha e ameaçam reconfigurar o equilíbrio de poder no Indo-Pacífico.

Carlos Augusto Ramires Teixeira*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

INTRODUÇÃO – A FERIDA NUNCA CICATRIZADA: 1949 E O CONFLITO CONGELADO

Para compreender o significado estratégico da visita que acaba de ocorrer, é preciso voltar ao momento em que a ferida foi aberta. Em 1949, após décadas de guerra civil, as forças do Kuomintang (KMT), derrotadas pelo Exército Popular de Libertação de Mao Zedong, cruzaram o Estreito de Taiwan e se refugiaram na ilha, então ex-colônia japonesa. O governo do KMT – a República da China – se reinstalou em Taipé jurando retornar ao continente. Mao, por sua vez, proclamou a República Popular da China em Pequim e jamais reconheceu a legitimidade do governo de Taipé.

O conflito nunca teve um armistício formal. Ficou congelado, atravessou décadas de Guerra Fria, sobreviveu ao reconhecimento internacional da RPC pelos Estados Unidos em 1979 e chegou ao século XXI como um dos mais explosivos pontos de tensão do sistema internacional. O Estreito de Taiwan – 180 quilômetros de água – é hoje a linha de fratura entre duas visões incompatíveis de soberania, identidade e ordem regional.



Mapa elaborado com base em dados geopolíticos do Indo-Pacífico. A linha pontilhada representa a Primeira Cadeia de Ilhas, conceito estratégico central na contensão americana à expansão naval chinesa.

O PCC continua a reivindicar Taiwan como uma província e permanece comprometido com sua anexação, seja de forma pacífica ou pela força. (*Al Jazeera*) Do outro lado, a identidade taiwanesa foi se consolidando ao longo das décadas, especialmente após a democratização da ilha nos anos 1990, tornando cada vez mais distante o projeto de reunificação nos moldes de Pequim.

1. O EVENTO: UMA VISITA HISTÓRICA, MAS COM LIMITES PRECISOS

A presidente do KMT, Cheng Li-wun, é a primeira líder de seu partido a visitar a China em uma década. (*Al Jazeera*) Ela se reuniu com Xi Jinping no Grande Salão do Povo em Pequim no dia 10 de abril, o primeiro encontro desse nível em mais de 10 anos. (*Courthouse News Service*)

Um ponto fundamental, porém, precisa ser explicitado de saída: Cheng Li-wun não representa o governo de Taiwan. Ela lidera o maior partido de oposição da ilha, o KMT – ironicamente, o mesmo partido que fundou o Estado taiwanês após 1949. O governo em exercício é o do Partido

Democrático Progressista (DPP), liderado pelo presidente Lai Ching-te, que Pequim se recusa a reconhecer. Esse detalhe não é trivial: ele revela a arquitetura estratégica da aproximação.

2. A PERCEPÇÃO DE PEQUIM: O QUE ESTÁ EM JOGO PARA XI JINPING

Para a China Continental, essa visita é uma peça de um jogo que opera em múltiplos tabuleiros simultaneamente.

Tabuleiro Interno: Xi Jinping tem reafirmado sistematicamente que a reunificação com Taiwan é um objetivo histórico inegociável e parte da chamada “grande rejuvenescimento da nação chinesa”. Qualquer avanço, por modesto que seja, reforça sua narrativa doméstica de liderança firme e visionária.

Tabuleiro Estratégico Regional: Pequim claramente espera usar a visita de Cheng – especialmente o encontro com Xi – para influenciar, e talvez alterar, algumas das premissas de Trump em relação a Taiwan. Na superfície, isso separa os dois eventos e reforça a afirmação de Pequim de que Taiwan é um assunto puramente doméstico da China. (*Foreign Policy*) O *timing* é calculado: a visita ocorreu antes da cúpula prevista entre Trump e Xi, sinalizando que Pequim prefere ditar o ritmo dos eventos.

Tabuleiro do “Consenso de 1992”: O Escritório de Assuntos de Taiwan de Pequim deixou claro que paz e estabilidade no Estreito dependem da aceitação do “Consenso de 1992” e da oposição à independência de Taiwan – e que tensão e turbulência serão a consequência caso contrário. (*Foreign Policy*) Ao fazer Cheng endossar publicamente esse consenso, Pequim obtém uma vitória simbólica e narrativa considerável, mesmo sem nenhuma mudança no *status quo*.

Tabuleiro do Isolamento do DPP: Pequim se recusa a dialogar com o presidente Lai Ching-te e o usa como canal de aproximação a oposição taiwanesa. (*Times Brasil*) A estratégia é clara: fragmentar o campo político de Taipé, apresentar o KMT como o “partido da paz” e o DPP como o “partido da guerra”, e criar pressão eleitoral sobre o governo Lai a partir de dentro da própria sociedade taiwanesa.

3. AS “MOEDAS DE TROCA” DE TAIWAN: O QUE O KMT OFERECE E O QUE BUSCA

Do lado taiwanês, a equação é mais complexa, pois envolve atores com interesses divergentes.

O que o KMT oferece a Pequim:

A principal moeda de troca do KMT é a legitimidade narrativa. Numa conferência de imprensa,

Cheng defendeu o “Consenso de 1992”, que estabelece a existência de “uma só China”, e se opôs à independência de Taiwan como forma de “evitar a guerra, prevenir uma tragédia e promover a paz”. (*PÚBLICO*) Ao dizer isso publicamente em Pequim, Cheng forneceu à propaganda do PCC exatamente o que ela precisava: uma liderança taiwanesa validando os termos da narrativa chinesa.

Além disso, Cheng declarou que as duas margens do Estreito não estão destinadas à guerra e convidou Xi Jinping a visitar a ilha, caso o KMT vença as eleições de 2028. (*Pravda USA*) Trata-se de uma aposta eleitoral que, ao mesmo tempo, funciona como oferta geopolítica: a promessa de uma Taiwan mais cooperativa se o KMT retornar ao poder.

O que o KMT busca obter:

Cheng também pediu a Pequim que apoie a participação de Taiwan em organizações internacionais como a Organização Mundial da Saúde e a Organização Internacional de Aviação Civil. (*Plataforma Media*) É um pedido de espaço diplomático – uma área em que Pequim tem bloqueado sistematicamente a presença taiwanesa. Esse é o ponto em que o KMT tenta transformar concessões simbólicas em ganhos concretos para a ilha.

O JOGO DE CONCESSÕES: KMT vs. PEQUIM

	O QUE OFERECE	O QUE BUSCA	CONDICIONANTES
KMT – Oposição Taiwanesa	Validação do Consenso de 1992 e oposição formal à independência	Espaço diplomático em organizações internacionais (OMS, OACI)	Nenhuma – o KMT não possui alavancas para impor exigências
PCC – Governo Chinês	10 medidas de incentivo: retomada de voos, turismo e facilitação comercial	Fragmentação política em Taiwan e isolamento do governo do DPP	Aceitação da oposição à independência como base para qualquer acordo

Síntese elaborada a partir das declarações públicas de Cheng Li-wun e dos comunicados oficiais do Escritório de Assuntos de Taiwan do governo chinês (abril de 2025).

A resposta de Pequim – e seus limites:

A China anunciou 10 novas medidas de incentivo para Taiwan, incluindo flexibilização das restrições ao turismo, permissão para séries de televisão “saudáveis” e facilitação de vendas de alimentos. (*The Kathmandu Post*) As medidas incluem ainda a exploração de um mecanismo de

comunicação regular entre o KMT e o PCC, a retomada total dos voos entre os dois lados e a permissão para que indivíduos de Xangai e da província de Fujian visitem Taiwan. (*Investing.com*)

O veneno, porém, está na bula. Um mecanismo para facilitar os padrões de inspeção de produtos alimentícios e de pesca deverá ser construído sobre a base política de “oposição à independência de Taiwan”. (*Modern Diplomacy*) O governo Lai rapidamente identificou essa condicionalidade. O governo taiwanês classificou os anúncios como “pílulas envenenadas” com condições políticas. (*Times Brasil*) O Conselho de Assuntos Continentais alertou ainda que as políticas preferenciais chinesas para Taiwan frequentemente carregam motivações políticas e podem ser retiradas a qualquer momento, criando riscos para as indústrias. (*Vision Times*)

CONCLUSÃO: CENÁRIOS POSSÍVEIS

O encontro Cheng-Xi não muda o *status quo* do Estreito de Taiwan de imediato, mas movimentará peças num tabuleiro cujos efeitos se farão sentir nos próximos dois anos, especialmente em direção às eleições taiwanesas de 2028. Três cenários principais se delineiam.

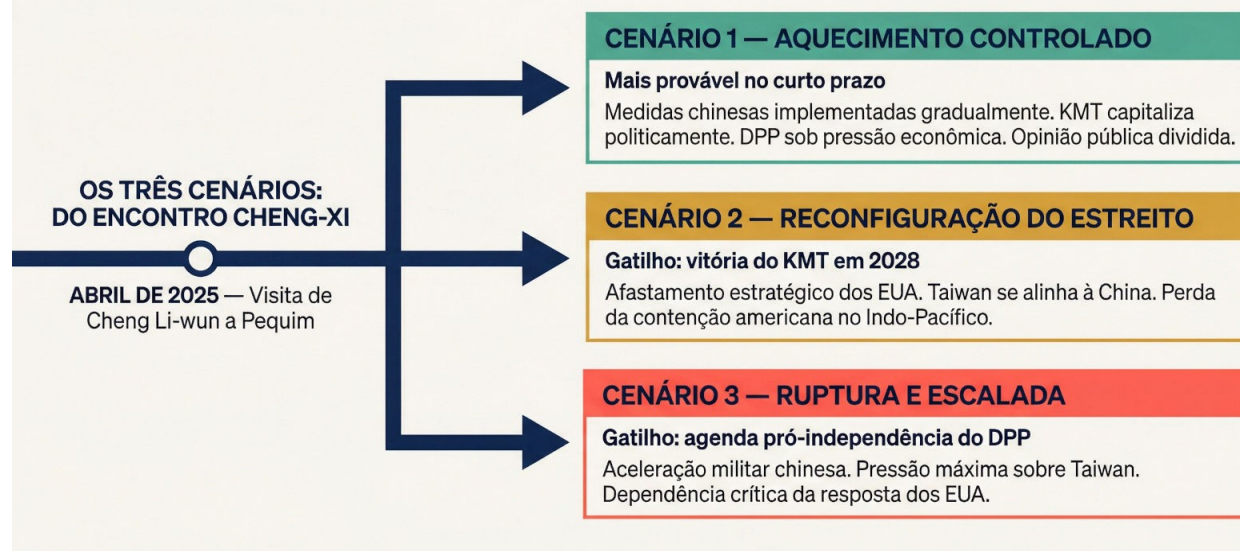
Cenário 1, O “Aquecimento Controlado” (mais provável no curto prazo): As 10 medidas de Pequim são parcialmente implementadas, o turismo e os voos retomam em escala gradual, e o KMT capitaliza politicamente essa abertura como prova de que a via do diálogo funciona. O DPP enfrenta pressão crescente de setores econômicos dependentes do comércio com o continente. Pequim obtém ganhos narrativos sem concessão alguma de substância. A tensão militar não diminui – os exercícios continuam –, mas a opinião pública taiwanesa fica dividida entre o “partido da paz” e o “partido da resistência”.

Cenário 2, Vitória do KMT em 2028 e Reconfiguração do Estreito (possível, com impacto sistêmico): Se o KMT vencer as presidenciais de 2028, a dinâmica muda estruturalmente. As eleições de 2028 poderiam resultar no retorno do KMT ao poder, com consequências drásticas para a relação de Taipé com os EUA e provocar um realinhamento generalizado no Indo-Pacífico em direção à China. (*Pravda USA*) Nesse cenário, Washington perderia sua principal alavanca de contenção de curto prazo na primeira cadeia de ilhas, e Pequim teria alcançado pela via eleitoral o que não conseguiu pela via militar. É o cenário que mais preocupa o *establishment* estratégico americano.

Cenário 3, Ruptura e Escalada (possível se o DPP avançar com agenda pró-independência): O presidente Lai afirmou que seu governo também apoia a paz, mas não “*fantasias irrealistas*”, e advertiu que a história mostra que ceder a regimes autoritários apenas sacrifica soberania e democracia. (*Al Jazeera*) Se o DPP – pressionado pelo endurecimento de Pequim e pela visita do KMT – avançar em passos mais concretos em direção ao reconhecimento formal da independência, Pequim pode acelerar o ciclo de exercícios militares e pressão. A variável

Trump é crucial aqui: o maior pacote de armas americano para Taiwan já foi assinado, e outro ainda maior está em consideração (*Foreign Policy*), mas a disposição americana de defender Taiwan militarmente continua sendo a maior incógnita do tabuleiro.

OS TRÊS CENÁRIOS: DO ENCONTRO CHENG-XI ÀS ELEIÇÕES DE 2028



Projeções analíticas elaboradas com base no contexto geopolítico do Estreito de Taiwan. Os cenários não são mutuamente exclusivos e podem se sobrepor ao longo do período 2025–2028.

O fundo da questão permanece inalterado: Pequim não abrirá mão da reunificação, e a sociedade taiwanesa – cada vez mais identificada como taiwanesa, e não como chinesa – não aceitará a fórmula “um país, dois sistemas” enquanto tiver a democracia como referência. O Estreito de Taiwan segue sendo o ponto de maior potencial explosivo do sistema internacional, e a visita de Cheng Li-wun não foi um passo rumo à paz – foi uma jogada sofisticada num jogo que ainda está longe do fim.

**Carlos Augusto Ramires Teixeira é general da reserva do Exército Brasileiro, Bacharel em Ciências Militares pela AMAN, Mestre em Operações Militares pela EsAO e em Ciências Militares pela ECEME. É pós-graduado em Relações Internacionais e Docência do Ensino Superior em História e Geografia.*